



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



CAMPUS DE TRÊS LAGOAS-MS
CURSO DE PEDAGOGIA

FLÁVIA APARECIDA FERREIRA RODRIGUES

**A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO DE (TRANS)FORMAÇÃO: UM
RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE UMA ESTUDANTE DE
PEDAGOGIA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR**

TRÊS LAGOAS-MS
2023



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



FLÁVIA APARECIDA FERREIRA RODRIGUES

**A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO DE (TRANS)FORMAÇÃO: UM
RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE UMA ESTUDANTE DE
PEDAGOGIA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPTL), Três Lagoas-MS, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Modalidade: Relato de Experiência.

Orientador: Prof. Dr. José Eduardo de Oliveira Evangelista Lanuti.

TRÊS LAGOAS-MS

2023



AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Ao meu Pastor **Josenilton**, que foi como um pai para mim, sempre me ouvindo e aconselhando nos momentos ruins, quando as coisas ficavam difíceis. Ele sempre me ouvia desabafar e, com sua sabedoria, sempre me dizia que eu era capaz e que iria conseguir sim. Sempre dizia as palavras certas nos momentos em que mais precisei; era o meu pai na fé que esteve sempre presente me levantando e dizendo para não parar, para prosseguir, que Deus estava comigo e concederia o desejo de meu coração, que é “me formar”. Não tenho palavras para descrever o quanto o meu Pastor fez parte dessa formação, pois cada incentivo e acolhimento me levantaram quando me achava incapaz e me faziam acreditar mais em mim mesma. Só Deus pra recompensá-lo como ele merece.

Ao Professor **Dr. José Eduardo de Oliveira Evangelista Lanuti**, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com muita dedicação e comprometimento, orientando, incentivando, me fazendo acreditar que eu seria capaz.

Agradeço aos Professores **Me. Ana Lúcia de Arruda Ramos Rezende** e **Me. Valdeci Luiz Fontoura dos Santos**, por aceitarem o convite de comporem a banca de avaliação deste trabalho.

Ao meu esposo **Anderson Rodrigues**, que em meio a tantos altos e baixos que passei durante todo o curso, permaneceu ao meu lado, mesmo quando eu não fui muito presente ou uma boa companhia.

Aos meus **Pais, Jair e Marta**, que entenderam minha ausência, mesmo já não sendo uma filha nada presente, pois foi necessário me afastar para me curar de meus traumas e assim também para não os machucar com meu silêncio. Sei que estão felizes e orgulhosos de mim, nem sei se mereço, mas me enche o coração de alegria e me fortalece a continuar lutando pelos meus sonhos, pois foi por isso que esperei a vida inteira - vê-los orgulhosos de mim.

À **Elisangela**, uma colega de turma incrível, amiga e muito humana, sempre disposta a ajudar a todos que a ela recorreram. Ela sempre esteve com palavras de incentivo, força, ânimo e apoio. É uma grande guerreira e merecedora de todas suas conquistas.

À minha grande amiga, **Simone Dantas**, que sempre permaneceu ao meu lado em meus momentos de crises, quando eu estava ansiosa por causa dos trabalhos e projetos realizados durante o curso.

A todos os professores do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas-MS, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO: BREVES CONSIDERAÇÕES	7
3. DESAFIOS E RESISTÊNCIAS À INCLUSÃO ESCOLAR: REPENSANDO PRÁTICAS E PARADIGMAS	8
4. INFÂNCIA E ESCOLA	10
5. A UNIVERSIDADE COMO LOCAL DE (TRANS)FORMAÇÃO	11
5.1 Pedagogia: um sonho realizado	12
5.2 Inclusão escolar: o que aprendi	14
6. EXPERIÊNCIAS EM AGUMAS ESCOLAS	15
7. CONCLUSÕES	16
8. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19



RESUMO

Nesta monografia, busquei responder à seguinte questão: como a Universidade pode transformar a vida de um estudante a partir da discussão sobre inclusão escolar? Para respondê-la, desenvolvi o presente estudo que teve como objetivo geral analisar algumas das experiências que vivi a partir de meu ingresso no curso de Pedagogia da UFMS, sobretudo a partir dos estágios e da disciplina *Educação Especial e Práticas Inclusivas*. Este estudo foi organizado da seguinte forma: inicialmente, fiz considerações sobre minha trajetória acadêmica e profissional, além de refletir sobre como minhas vivências contribuíram para a escolha do tema deste trabalho. Em seguida, abordei os desafios e resistências à inclusão escolar, repensando práticas e paradigmas. Nesse tópico, discuti os obstáculos enfrentados pela sociedade em relação à inclusão, bem como a importância de repensarmos nossas práticas educacionais para garantir uma escola mais inclusiva. No tópico seguinte, explorei o tema da infância e escola, destacando a importância de uma educação de qualidade desde os primeiros anos de vida e como isso impacta no desenvolvimento integral das crianças. Em seguida, foquei na universidade como local de (trans) formação, destacando a importância da formação acadêmica para a promoção da inclusão escolar. Nesse tópico, destaquei a realização do meu sonho de cursar Pedagogia e o que aprendi sobre inclusão escolar na Universidade. Posteriormente, apresentei minhas experiências em algumas escolas, relatando vivências significativas com alunos e profissionais da educação. Por fim, apresentei minhas conclusões, onde fiz uma reflexão sobre todo o trabalho desenvolvido e as principais contribuições que ele trouxe para minha formação acadêmica, profissional e pessoal, pois pude compreender que a educação vai muito além de um processo de transmissão de conhecimento, percebi que ela é capaz de transformar a vidas, tanto na perspectiva de um futuro melhor, quanto na elevação do próprio ser social.

Palavras-chave: Educação. Inclusão escolar. Formação de professores. Pedagogia.



1. INTRODUÇÃO

Sou estudante do último ano do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. Durante minha graduação em Pedagogia, tive experiências marcantes nos estágios obrigatórios que realizei na Educação Básica. Testemunhei professores excluindo alunos e afirmando que eram contra a inclusão de crianças com deficiência porque não as compreendiam. Também vi tentativas incessantes de controlar o comportamento de crianças de três anos e outras situações que me preocuparam muito. Tudo isso que me levou a escolher a inclusão escolar como tema central do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Nos estágios, tive boas experiências, mas também muitas ruins. Vi professores excluindo certos alunos dentro de sua própria sala de aula, muitas vezes sem intenção, rotulando-o como incapaz, isolando-os, apenas dando atenção mínima e relacionando-se com ele de forma depreciativa, chegando até a dizer: "Ah, ele não consegue fazer as mesmas atividades, então, o deixei ali... depois dou algo para ele fazer. No entanto, essa não é a inclusão que aprendemos quando estudamos o assunto. O que queremos para nossas crianças com deficiência é que seus direitos sejam assegurados de forma correta. Acredito que todos são capazes de promover a verdadeira inclusão, desde que realmente queiram que isso aconteça.

Acredito que os professores deveriam saber que tudo o que é novo e diferente pode assustar e causar medo em qualquer criança, independentemente de sua idade. Quanto mais jovens são, mais estranhezas podem sentir em relação ao "novo". Para uma criança com deficiência, que muitas vezes tem dificuldade em se comunicar, a vida escolar e todas as suas novidades podem ser ainda mais dolorosas. A separação, mesmo que momentânea, da família, o convívio com pessoas desconhecidas e as tarefas escolares podem contribuir para que as crianças fiquem mais agitadas nos primeiros momentos com os colegas de classe e adultos desconhecidos. No entanto, é nesse momento em que todas as crianças, com ou sem deficiência, precisa, ser compreendidas e acolhidas.

Essas experiências e outras que vivenciei durante o curso de Pedagogia me fizeram refletir sobre minha própria história, especialmente em relação à minha vida escolar. Tais reflexões me levaram a buscar responder à seguinte pergunta: como a Universidade pode transformar a vida de um estudante a partir da discussão sobre inclusão escolar? A fim de



responder a essa pergunta, neste texto - um relato autobiográfico baseado em minhas memórias - meu objetivo foi analisar algumas das experiências que vivi a partir de meu ingresso no curso de Pedagogia da UFMS, sobretudo a partir dos estágios não obrigatórios e obrigatórios, realizado na Educação Básica pública do município de Três Lagoas-MS, e também da disciplina *Educação Especial e Práticas Inclusivas*.

2. ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO

O estudo autobiográfico se baseia na investigação da própria vida do pesquisador, levando em consideração suas experiências, memórias e reflexões. É uma abordagem que busca compreender a si mesmo e construir conhecimento a partir das vivências pessoais (FERREIRA; MONTEIRO, 2019).

Escrever sobre a própria vida é importante porque permite a reflexão sobre as experiências e a compreensão de como elas influenciaram a formação do indivíduo. Logo, estudo autobiográfico possibilita o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre si mesmo, o que pode levar a transformações pessoais e profissionais.

Conforme Ferreira e Monteiro (2019), essa abordagem permite a análise do processo de construção do conhecimento, além de fornecer *insights* sobre os significados atribuídos às experiências vividas.

Nóvoa (2002) aponta que a pesquisa autobiográfica é uma forma de dar voz ao professor, permitindo que ele reflita sobre sua prática e compartilhe suas experiências de forma crítica e reflexiva. Deste modo, o estudo autobiográfico é um tipo de pesquisa que permite ao pesquisador refletir sobre sua própria vida e construir conhecimento a partir de suas experiências.

Escrever sobre a própria vida é importante porque promove a reflexão e o auto desenvolvimento. No contexto da inclusão escolar, infelizmente alguns professores podem ser contra essa perspectiva educacional devido a razões como falta de formação, sobrecarga de trabalho e falta de recursos e apoio adequados. No entanto, é necessário investir em formação, suporte e recursos para promover uma cultura inclusiva nas escolas. O estudo autobiográfico pode ser uma boa opção para aqueles professores que buscam conhecer seu próprio trabalho, rever suas próprias concepções e construir novos modos de atuação.



3. DESAFIOS E RESISTÊNCIAS À INCLUSÃO ESCOLAR: REPENSANDO PRÁTICAS E PARADIGMAS

Uma das razões que contribui para a resistência dos professores à inclusão escolar é a forte aderência aos modelos tradicionais de ensino, em que o aluno desempenha um papel passivo e o professor é encarregado de transmitir conhecimento. A inclusão escolar implica em uma mudança desse paradigma, estimulando a participação de todos os alunos.

Também existe a preocupação com a falta de formação e recursos adequados para lidar com a diversidade de necessidades dos alunos. A inclusão escolar requer a adaptação do ambiente físico e reinvenção das práticas pedagógicas para atender a todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, dificuldades de aprendizagem e outros. Isso demanda investimento em formação contínua e recursos específicos - os quais nem sempre são disponibilizados pelas instituições educacionais.

Outra razão é o receio de que a inclusão escolar prejudique o desempenho dos alunos sem deficiência. Alguns professores podem acreditar que a presença de alunos com deficiência na sala de aula comum desvia a atenção do professor, comprometendo a aprendizagem dos demais. Essa visão pode estar embasada em estereótipos e preconceitos, e desconsidera o potencial de aprendizado e colaboração que a inclusão pode proporcionar para todos os alunos (MANTOAN; LANUTI, 2022).

A falta de apoio e suporte da gestão escolar também pode influenciar a postura contrária à inclusão por parte dos professores. A inclusão escolar exige uma equipe multidisciplinar e a colaboração de todos os profissionais envolvidos na educação, incluindo gestores, coordenadores e outros profissionais de apoio quando for o caso, em situações muito específicas. Quando esses recursos não são disponibilizados ou as políticas institucionais não são postas em prática, os professores podem se sentir desamparados e desmotivados para promover a inclusão.

É fundamental destacar que essas razões não são justificativas válidas para se opor à inclusão escolar. A inclusão é um direito de todos os alunos, e para melhor atendê-los é importante que todos das instituições de ensino e familiares se informarem mais e buscar se capacitarem, e também se comprometerem com práticas pedagógicas inclusivas.



De acordo com Mantoan (2022), um dos desafios do sistema educacional é a falta de relação entre os conteúdos ensinados e a realidade dos alunos, o que dificulta o processo de aprendizagem. Para superar esse problema, é necessário que os educadores identifiquem os conhecimentos prévios dos alunos, compreendam suas dúvidas e interesses, de forma a utilizar o conteúdo como meio para atribuir significado ao mundo e às relações nele presentes.

A escola idealizada por Mantoan e Lanuti (2022) busca ensinar a todos de forma inclusiva, respeitando as individualidades dos alunos e suas experiências. Essa escola acolhe todas as pessoas de forma incondicional, sem preconceitos e está sempre se reinventando. Portanto, é fundamental que os professores superem suas resistências, busquem conhecimento e se engajem na construção de uma escola inclusiva, que valorize a diferença de cada aluno e promova o pleno desenvolvimento de todos.

Mantoan (2015) destaca que a lógica da inclusão é complexa e desafiadora, pois envolve questões sociais arraigadas em nossa sociedade. Ela defende que a exclusão e o fracasso dos alunos estão enraizados na própria escola, que reluta em promover práticas que avaliem o ensino. Para a autora, temos de refletir sobre a posição que estamos quando o assunto é a educação escolar: presos aos antigos padrões ou atentos às novas abordagens da educação. As novas abordagens dizem respeito, nesse caso, à necessidade de avaliarmos não somente os alunos, seus modos de expressão e comportamentos em geral, mas também o ensino oferecido.

No que tange à efetivação da inclusão escolar, Mantoan (2015) aborda os desafios decorrentes da transformação das condições excludentes das quais emergiu a escola pública. A autora defende a necessidade de recriação do modelo educativo, reorganização dos aspectos pedagógicos e administrativos da instituição de ensino, assim como preparação do professor inclusivo. A formação do professor sob a perspectiva da educação inclusiva implica a ressignificação do seu papel e do papel da escola, além da adoção de uma pedagogia da diferença. A autora ressalta a importância de um ambiente escolar acolhedor, que valorize a diversidade de conhecimentos, de modos de expressão, de pensamentos dos alunos e estimule a participação de todos.

Assim, compreende-se que existem diversas razões que podem levar um professor a ser contrário à inclusão escolar, mas as mudanças trazidas por essa nova perspectiva educacional não podem ser vistas como ameaçadoras para alguns professores. Inclusão é direito de todos, dever das escolas. Inclusão não é uma escolha.



A inclusão faz com que as escolas sejam boas para todos os alunos. A falta da inclusão me faz lembrar da minha escola, da minha infância, infelizmente, com certa tristeza.

4. INFÂNCIA E ESCOLA

Infelizmente, tenho algumas lembranças negativas da minha infância durante o período escolar. Apesar de sempre ter gostado muito de estudar, eu era uma criança extremamente tímida e me sentia diferente das demais. Sempre me esforcei para agradar minha professora, mas não conseguia agradar meus colegas de sala e quase sempre me sentia excluída.

Um dos momentos mais difíceis para mim na escola era quando os professores pediam para fazermos grupos, pois ninguém me convidava. Sentia que minha presença era indesejada e isso me machucava muito. Guardava para mim a vontade de entender o motivo de ninguém nunca me escolher. Hoje sei que na verdade não me sentia pertencente àquele espaço escolar. No entanto, minha vontade de aprender era maior que meus medos.

Acreditava que se eu fosse uma boa aluna, conseguiria a atenção da minha mãe. Meu desejo era que ela pudesse se orgulhar de mim, e mesmo me esforçando tanto, nem sempre conseguia. Continuei buscando sempre fazer o meu melhor, queria ser boa em alguma coisa, mas na escola, às vezes, ouvia meus colegas dizerem entre si que eu era a "cabeça de ferro" da sala – uma expressão utilizada para se referir àquelas pessoas que estudam muito e obedecem a todas as regras. Procurava me sentar o mais afastada possível de todos e ninguém tentava me entender ou ajudar. A exclusão escolar acontecia comigo, mesmo não sendo considerada uma pessoa com deficiência. Na minha casa, não era diferente.

Na minha família, somos seis irmãos, sendo quatro meninos e duas meninas. Meus pais trabalhavam e nunca nos deixaram faltar nada materialmente. Meu pai sempre foi um homem muito trabalhador, íntegro e, para mim, o mais importante: sempre foi muito amoroso e carinhoso comigo. No entanto, o trabalho dele ocupava muito seu tempo, então ele ficava fora da cidade por longos períodos. Minha mãe, sempre foi uma mulher muito forte e guerreira, trabalhava bastante também, mas podia voltar para casa todos os dias. Sempre que estava em casa, sua atenção se destinava aos afazeres domésticos. Ela nunca escondeu sua predileção pelos filhos homens e dizia isso a suas amigas. Em minha mente, juntei todos os episódios de rejeição da parte dela só comigo e minha irmã. Tudo isso dificultava, por



exemplo, que ela fosse até a escola quando minha professora a chamava para conversar, mostrar minhas notas ou querer saber sobre meu comportamento ou dificuldade de fazer amizades.

Esse era o motivo de eu ser uma criança triste na escola, sentindo-me diferente e estranha, porque isso vinha de casa. Ao me deparar com outros obstáculos, eu não conseguia entender e saber enfrentar, pois o tratamento diferente vinha de casa, da família. Meus irmãos falavam que eu era uma chorona e que era tudo frescura. Internalizei isso e guardei para mim.

Lembro-me que minha professora dizia que, apesar de tudo, eu era uma boa aluna e meus pais não se esforçavam tanto para ir à escola saber sobre minha vida escolar, pois sabiam que eu estudava “direitinho”.

Fui crescendo e entendendo que cada pessoa tinha um jeito de ser e que aquele era o meu. Aos poucos, fui refletindo sobre minha timidez e sobre o motivo de me sentir tão diferente dos demais. Confesso que hoje, embora tenham se passado muitos anos e agora eu seja uma mulher adulta, lembrar dessa parte do meu passado, da minha infância, familiar e escolar, ainda me causa dor. No entanto, trabalhando com as crianças, com a pureza delas, eu me sinto privilegiada.

Em uma conversa com meu psiquiatra, durante o tratamento da depressão que adquiri ao longo da minha vida, ele me perguntou por que eu não fazia um vestibular para ingressar na universidade. Ele destacou que conhecendo pessoas novas e fazendo algo que eu sempre quis fazer, como estudar Pedagogia, eu poderia compreender melhor minha trajetória escolar e ajudar outras pessoas. Ele disse que não queria fazer um tratamento apenas com medicamentos, mas sim me incentivar a ir atrás do que eu havia deixado para trás por medo. Deu certo! Fiz o vestibular e passei. Agora, posso afirmar que fiz algo que sempre quis fazer e que isso me traz prazer e alegria.

5. A UNIVERSIDADE COMO LOCAL DE (TRANS)FORMAÇÃO

A seguir, apresentarei dois tópicos nos quais me dediquei a escrever sobre o meu ingresso no curso de Pedagogia e, mais especificamente, sobre o que aprendi sobre inclusão escolar nesse curso.



5.1 Pedagogia: um sonho realizado

No ano de 2019, ingressei na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no curso de Geografia e, então, a minha história começou a tomar um rumo diferente!

Tinha medo de estar perto de outras pessoas, falar em público e me expor diante de muitas pessoas desconhecidas. No entanto, a vontade de realizar o meu sonho de estudar na universidade era maior do que esses medos e bloqueios. Decidi enfrentá-los e comecei a frequentar a universidade. No início senti medo, como já esperava, mas a determinação de seguir o curso era mais forte. Dia após dia, fui superando esses medos.

Infelizmente, não me enturmei, mas consegui falar na frente dos meus colegas quando necessário, como em apresentações de trabalhos e seminários, diálogos em grupo, dentre outros. Esse pensamento de lutar e enfrentar o que fosse necessário para alcançar meus objetivos me transformaram a cada dia e me abriu os olhos para a possibilidade de conquistá-los.

O meu primeiro ano na universidade foi desafiador e repleto de coisas novas, não apenas para mim, mas também para muitos colegas. Durante o segundo semestre desse mesmo ano(2019), tive a oportunidade de conhecer o professor José Eduardo Lanuti, um profissional entusiasmado e comprometido com sua profissão, durante a disciplina de Psicologia I. Ao concluir o ano letivo e entrar de férias, tive a satisfação de ter cursado todas as disciplinas do primeiro ano de Geografia e obtido aprovação em todas elas.

Decidi então cursar outra disciplina com o mesmo professor, José Eduardo Lanuti. Assim que soube que ele ministraria uma disciplina de verão, durante as férias, fiz minha matrícula imediatamente. Essa disciplina, chamada Educação Especial, é oferecida a todos os cursos de Licenciatura na UFMS. O professor compartilhou conosco suas experiências no ensino regular, ensinando-nos sobre inclusão escolar. Foi nessa disciplina que pude reavivar antigos sonhos, superar medos e dúvidas.

Com coragem, decidi conversar pessoalmente com o professor José Eduardo Lanuti e expus meu antigo desejo de cursar Pedagogia. Pedi seu conselho e saí dali com minha decisão tomada e um sentimento de alívio. Percebi que não era Geografia o curso que eu realmente queria, mas sim Pedagogia. Sentia que essa era a profissão na qual eu poderia me imaginar pelo resto da vida, inspirada pela dedicação e amor à profissão que o professor José Eduardo Lanuti demonstrou em suas aulas.



A idéia de trabalhar com crianças me fascinava! Estudei e me dediquei ainda mais aos estudos para prestar novamente o vestibular de Pedagogia, e dessa vez fui aprovada em 6º lugar. Nem cheguei a concluir aquela disciplina de verão, pois preferi cursá-la em sua totalidade no curso de Pedagogia, com carga horária maior, para aproveitá-la ao máximo.

Ao receber o resultado de aprovação, experimentei diversas emoções. Além da minha natureza emotiva, senti medo do desconhecido e insegurança por recomeçar tudo de novo. Porém, também senti uma grande felicidade ao saber que agora cursaria algo que realmente desejava. Nunca aspirei ser advogada, médica ou enfermeira; sempre quis trabalhar na área da Educação, preferencialmente com crianças pequenas.

No ano de 2020, antes que eu e minha turma pudséssemos nos conhecer melhor e conhecer todos os nossos professores, nos familiarizar com o campus e superar os bloqueios que o novo sempre traz, a pandemia da Covid-19 chegou e nos afastou completamente. Mais uma vez, me vi em casa, longe das outras pessoas, não por escolha própria, mas devido à rápida propagação da doença. No início, o vírus era desconhecido e trazia muitos medos e questionamentos sobre como contê-lo e se a vida voltaria ao normal. Alguns desses questionamentos foram respondidos com o tempo, como o retorno das aulas presenciais e a esperança de que a doença fosse controlada com as vacinas.

Percebi que, mesmo diante de todos os desafios impostos pela pandemia, comecei a me adaptar às aulas virtuais. Confesso que, naquele momento de medo e receios, sentia-me mais tranquila ao participar das aulas virtualmente, pois isso me permitia evitar o contato pessoal e falar em público. No entanto, também reconheço que perdemos muito com as aulas virtuais, como o contato próximo com as explicações dos professores e as práticas presenciais nas escolas durante o primeiro estágio supervisionado na Educação Infantil.

Felizmente, nos estágios supervisionados seguintes, conseguimos voltar à educação presencial e iniciar a prática da docência. Hoje, posso dizer com confiança que a universidade transformou completamente a minha vida, desde a forma como penso e ajo até as minhas inseguranças e autoestima. Isso não significa que estou livre de outros processos que possam trazer medo e incertezas, como mencionei anteriormente, no entanto, agora tenho uma visão de mais segurança e direção para enfrentar cada obstáculo que possa surgir no caminho.

Acredito que tudo, inclusive o medo do novo, faz parte do processo de busca para alcançar nossos objetivos e sonhos. Como disse Paulo Freire (1996), enquanto luto, sou movido pela esperança; e se eu lutar com esperança posso esperar.



Aprendi muito na universidade e hoje me sinto fortalecida. Percebi que as dificuldades que vivenciei na infância, por mais desafiadoras que tenham sido, me abriram os olhos para ser uma pessoa mais humana e compreender que posso fazer pelos meus alunos o que gostaria que tivessem feito por mim. Com o tempo e a maturidade, percebi o quanto essas experiências me ensinaram a ter uma visão diferenciada sobre pessoas e crianças que necessitam de maior atenção. Tornei-me uma pessoa atenta às crianças que precisam ser ouvidas, compreendidas e, se possível, ter suas necessidades atendidas. Procuo tratar todos os alunos com igual respeito e atenção, independentemente de possuírem ou não alguma deficiência ou comportamento que possa fazê-los se sentirem diferentes. Sei que todas essas crianças contam comigo para superar seus medos e romper as barreiras que as impedem de serem quem são, tanto na escola quanto na sociedade em geral.

Todas as crianças, com ou sem deficiência, têm direitos garantidos por lei, incluindo o direito à Educação. Acredito que a educação infantil seja o ponto de partida para tudo. A educação tem início na primeira infância e, como profissional de educação, e quero contribuir para o aprendizado de inúmeras crianças, proporcionando-lhes educação e cuidado com igualdade, respeitando as diferenças de cada aluno. Devemos tratar a todos com igual respeito, mesmo que sejamos todos diferentes uns dos outros, e assim colaborar para um mundo melhor. Como Pedagoga, tenho o papel de acompanhar e impulsionar o desenvolvimento das crianças, ao mesmo tempo em que aprendo com elas. Como bem disse o mestre Paulo Freire (1996) que a educação não transforma o mundo, mas muda as pessoas.

Sentia e ainda sinto muito orgulho de poder dizer que sou uma pedagoga professora formada na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

5.2 Inclusão escolar: o que aprendi

A aprendizagem que adquiri na universidade, sobretudo nas aulas de Educação Especial, é que a escola deve ser acessível a todos os indivíduos, sem exceção, e não apenas a alguns considerados "normais" pela sociedade. O acesso à educação é previsto na Constituição, devendo ser cumprido tanto pelo Estado quanto pela família em relação a todos os brasileiros.

A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, surge com o objetivo de garantir que as pessoas com deficiência tenham igualdade de direitos e liberdades fundamentais, promovendo



sua inclusão social e cidadania. Essa lei tem como base a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, que foram ratificados pelo Congresso Nacional por meio do Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008, e promulgados pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009 (BRASIL, 2015).

Segundo a lei, uma pessoa com deficiência é aquela que possui um impedimento de longa duração de natureza física, intelectual ou sensorial, que em contato com uma ou mais barreiras pode dificultar sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

Durante o Ensino Médio, não aprendi sobre alunos com deficiência ou sobre o conceito de inclusão. Os gestores e professores daquela época acreditavam que os alunos com deficiência deveriam estudar em salas separadas, denominadas "salas Especiais", pois eram considerados incapazes. Infelizmente, esse assunto não era questionado nem pelos professores nem pela sociedade como um todo.

Foi somente na universidade, no curso de Pedagogia, durante a disciplina de Educação Especial e Práticas Inclusivas ministrada pelo professor José Eduardo Lanuti, que obtive conhecimento sobre o que é, de fato, a inclusão escolar. A partir desse momento, minha curiosidade e interesse pelo assunto aumentaram, levando-me a aprofundar meus estudos e realizar pesquisas sobre o tema.

Durante meus estágios em diferentes faixas etárias, desde a Educação Infantil aos anos iniciais do Ensino Fundamental, comecei a observar aspectos relacionados à educação inclusiva que muitas vezes passam despercebidos. Como o professor Lanuti menciona em seu livro *A escola que queremos para todos* (MANTOAN e LANUTI, 2022), alguns problemas são comuns em muitas escolas e, o que é mais preocupante, alguns deles sequer são percebidos.

Acredito que o ensino sobre inclusão deveria ser incluído nas aulas desde a Educação Básica, pelo menos uma vez por semana. Isso prepararia futuros adultos para serem mais humanizados e empáticos em relação ao próximo, tornando a diversidade algo natural na sociedade, assim como ocorre com as pessoas que não são consideradas com deficiência.

Em resumo, falo sobre esse assunto porque percebi que ainda é pouco conhecido e compreendido. Graças à minha experiência na universidade, pude aprender sobre a importância da inclusão e agora desejo me aprofundar cada vez mais nessa luta para conquistarmos uma escola que seja verdadeiramente para todos.



6. EXPERIÊNCIAS EM AGUMAS ESCOLAS

Não posso generalizar todas as escolas, pois só estive em algumas delas, mas tive experiências que me inspiraram a escrever sobre a inclusão escolar. Como estagiária em escolas municipais e funcionária em escolas particulares, pude presenciar de perto como a inclusão é distorcida da teoria. Fiquei frustrada, pois percebi que o que havia aprendido no curso de Pedagogia com o Professor José Eduardo Lanuti, não acontecia em todas as escolas. O professor Lanuti nos transmitiu conhecimentos e nos mostrou, por meio de slides, vídeos e fotos, como a inclusão é possível. Sou muito grata a ele por todo o aprendizado proporcionado.

Acredito que nosso papel como professor é o de mediar o conhecimento entre os alunos, acreditando sempre no potencial que todos eles têm para aprender e se desenvolver, desde que sejam oferecidas as ferramentas certas. Os alunos com deficiência precisam ser respeitados, sem pré-julgamentos ou preconceitos sobre suas capacidades. É importante que os professores se esforcem em aprender como ensiná-los de forma inclusiva e natural, sem tratamentos diferenciados, separações ou comparações, conforme afirma Mantoan (2015).

Infelizmente, ainda existem exclusões de alunos que deveriam ser incluídos. Em uma de minhas experiências, presenciei crianças que eram separadas e até mesmo isoladas por possuírem um laudo de deficiência. Alegava-se que elas representavam riscos para as outras, podendo machucá-las. Percebia-se que tais atitudes não eram expostas aos pais ou à secretaria de Educação, mostrando que a escola estava mais preocupada com o aspecto financeiro do que com o bem-estar dos alunos.

Nas escolas em que estive, tanto em estágios em escolas públicas quanto como funcionária em uma escola particular, percebi que a inclusão de crianças com deficiência era apenas para cumprir a lei, sem um real comprometimento com a verdadeira inclusão. Os gestores muitas vezes rotulavam essas crianças e as tratavam com pena, limitando suas possibilidades de aprendizado. Presenciei e fiquei muito frustrada com essas atitudes.

Senti-me, por diversas vezes, impotente, por ser apenas uma estagiária e não poder fazer algo para mudar aquela situação. Foi triste presenciar a forma como a professora se referia às crianças com deficiência, expondo-as na frente de toda a turma. Mesmo que as crianças de quatro anos não entendessem completamente o que estava acontecendo, pude ver



o olhar de diferenciação direcionado a elas, marcando-as como diferentes, como se estivessem sendo etiquetadas. É muito triste ter que escrever isso, mas infelizmente foi o que presenciei.

7. CONCLUSÕES

Após uma análise minuciosa das experiências vivenciadas durante o curso de Pedagogia, é possível afirmar que os objetivos propostos foram plenamente alcançados. As vivências adquiridas ao longo dos estágios e da disciplina de Educação Especial e Práticas Inclusivas proporcionaram uma profunda reflexão sobre minha própria história e, principalmente, sobre minha vida escolar. A partir dessas reflexões, surge a indagação central: de que forma a Universidade pode transformar a vida de um estudante por meio da discussão sobre inclusão escolar? Buscar responder a essa pergunta foi o principal enfoque deste texto, que se configurou como um relato autobiográfico, embasado em minhas memórias. Ao analisar cuidadosamente as experiências vividas durante o curso, pude constatar a relevância e o impacto que a discussão sobre inclusão escolar pode ter na formação acadêmica e pessoal de um estudante. Portanto, posso afirmar que os objetivos propostos foram plenamente atingidos, fomentando um olhar mais crítico e consciente sobre a importância da inclusão no âmbito educacional.

Diante de tudo o que vivi e aqui relatei, fica evidente que ainda há muito a ser aprendido na área da Educação. Nós como professores, devemos ter compromisso com a inclusão. Para que isso se concretize nas escolas, com as crianças que possuem deficiência, é necessário que as instituições educacionais de todos os lugares assumam seu papel e que nós, professores, realizemos o nosso trabalho de mediadores, buscando efetivamente aprender o que é inclusão.

Observando as escolas que tive a oportunidade de conhecer, percebo que o que tem faltado é formação. Muitos professores acreditam já saber o suficiente, por se formarem e possuírem anos de experiência, sem saber que ainda há muito a se aprender, principalmente no que se refere à inclusão.

Assim como o livro da professora Mantoan (2015), devemos nos questionar todos os dias: o que é inclusão? Por que eu tenho que fazer inclusão? A escola tem que fazer inclusão? São perguntas essenciais que devemos fazer diariamente, buscando aprofundar cada vez mais



nosso conhecimento para que possamos efetivamente realizar um bom trabalho pedagógico, pois nossas crianças merecem e precisam de nós, professores.

O conhecimento aprofundado sobre inclusão não pode ficar apenas na teoria, nos estudos ou no papel. É preciso colocá-lo em prática. Muitas vezes aprendemos algo de uma forma, mas na prática é totalmente diferente. Às vezes é doloroso e difícil ver que poderíamos fazer muito mais por cada criança, começando por retirar os rótulos a elas atribuídos.

Os professores devem estar atentos às brincadeiras que podem magoar a criança com ou sem deficiência, fazendo-a se afastar e se excluir por medo de se machucar. É bastante desafiador para um professor estar atento a tudo, mas ele sempre pode e deve pedir ajuda da gestão pedagógica, pois somente unidos conseguiremos eliminar essas barreiras que muitas vezes o professor acaba evitando, não por ser contra a inclusão, mas por medo da responsabilidade e do desafio ser maior, e por se sentir inseguro.

Sabemos que ensinar e educar em uma perspectiva inclusiva não é uma tarefa fácil, mas também não é impossível. São ações necessárias e é extremamente importante estar em constante aprendizado, nunca parar de estudar e pesquisar, pois o mundo está sempre em evolução e nós, como professores, precisamos continuar aprendendo cada dia mais e nos manter bem informados, principalmente na área da Educação.

Em resposta à pergunta que me fiz, ou seja, como a Universidade pode transformar a vida de um estudante a partir da discussão sobre inclusão escolar? Concluo que a educação vai muito além, ela é capaz de transformar a vida das pessoas, tanto na perspectiva de um futuro melhor, quanto na elevação do próprio ser social, garantindo que esse tenha conhecimento para absorver, interpretar e discorrer sobre novas experiências.

Devemos sempre ser aqueles que lutam para que as crianças aprendam umas com as outras em salas de aula comuns. Devemos fugir das salas separadas, as chamadas "salas especiais", acreditando sempre que todas as crianças, com ou sem deficiência, devam estar sempre juntas. O mesmo vale para os adultos e idosos que frequentam as escolas.

A educação vai muito além de um processo de transmissão de conhecimento e, com este trabalho, percebi que ela é capaz de transformar vidas, tanto na perspectiva de um futuro melhor, quanto na elevação do próprio ser social. Acredito que a convivência com pessoas que são, por natureza, diferentes de nós, é a grande riqueza da inclusão.



8. REFERÊNCIAS

BRASIL. *Estatuto da pessoa com deficiência*. Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência [recurso eletrônico]: Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência) / Câmara dos Deputados. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. Disponível em: <<http://www.camara.leg.br/editora>>. Acesso: 15 out. 2023.

FERREIRA, R. A; MONTEIRO, F. G. *A inclusão escolar e a formação de professores: desafios e perspectivas*. Revista Espaço Pedagógico, v.26, n.2, p.437-458. 2019.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Summus, 2015.

MANTOAN, M. T. E.; LANUTI, J. E. O. E. *A escola que queremos para todos*. Curitiba: CRV, 2022.

NÓVOA, A. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 2002.